

# Depoimentos

## REDUÇÃO DOS CUSTOS, FACTOR FUNDAMENTAL DO PROGRESSO

Temos a felicidade de viver numa época em que, apesar das contradições a que diariamente somos submetidos, se verifica um anseio unânime de progresso humano, que tenta concertar-se em todos os níveis, até em escala mundial.

Sob o aspecto económico procura consubstanciar-se este progresso num aumento da produção de bens úteis, na melhoria da sua qualidade e na redução dos seus custos, medidos em matérias-primas consumidas e em tempo de execução, o que se traduz num aumento da riqueza criada, cuja redistribuição tende também a fazer-se mais de acordo com as necessidades de cada um.

Ao nível empresarial ultrapassou-se o critério simples da realização do lucro máximo, para se pretender atingir o mesmo resultado mas através dos mais baixos custos possíveis, isto é através da produtividade máxima. Este, portanto, um dos objectivos de quantos têm responsabilidades de direcção e queiram ser dignos de si próprios e do mundo em que vivem.

Na Europa económica polarizou-se este estado de espírito, nos chefes das Empresas, a partir da criação do Mercado Comum, que tem conseguido vencer todos os escolhos que amigos verdadeiros ou falsos têm semeado no seu caminho, e em cujo êxito nós acreditamos.

O problema tem sido atacado sob todos os aspectos possíveis, procurando-se porém atingir este objectivo, principalmente, pela racionalização e pelo aumento da produção, pelo desenvolvimento da investigação, procurando melhores produtos e melhores métodos, e pela melhoria dos equipamentos, concebidos e adaptados a novas escalas.

Por isso não é de estranhar que revistas da especialidade publiquem regularmente páginas referindo acordos de racionalização, de produção e de fusão de empresas, pertencentes muitas vezes a países diferentes, nem que se observem níveis de investimentos da ordem dos 12% das vendas (caso da Holanda, na construção do material eléctrico), nem extraordinários aumentos de produtividade (medida em valor de produção por pessoa ocupada), em empresas já do melhor nível, da ordem dos 20% em dois anos.

★

Em Portugal, depois de um sobressalto que encheu de ilusões, mas tão efémero que pode dizer-se que só durou o período do II Congresso da Indústria, em 1957, que se fez neste domínio? Que fizemos nós dirigentes de Empresas?

E não há dúvida que só há uma resposta: — Muito pouco. Parece que muitos de nós continuamos a deixar-nos embalar pela euforia de uma exportação facilitada pelos acordos da EFTA e por uma mão de obra, infelizmente, ainda barata; esquecemo-nos do transitório desta situação, até porque sendo o material que se exporta de técnica simples, a sua produção se deslocará para os países abaixo do nosso na escala económica e social, com os quais então não nos poderemos bater; e afinal, este resultado não foi, por regra, a consequência de um abaixamento dos custos, mas a de um aumento dos preços de venda possíveis, nada

(Continua na pág. 300)